

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INCLUSÃO DA PESSOA SURDA: A ARTE E OS MITOS COMO POSSIBILIDADE MEDIADORA

The deaf person inclusion: the art and the myths as a mediating possibility

Graça Maria Silva*

* Arte-Educadora, arte-terapeuta e fonoaudióloga. Trabalha com arte há mais de 25 anos. É arte-terapeuta dedicada ao atendimento clínico individual e em grupos. É arte-educadora, especializada no trabalho com surdos, no INES. Atuou também como fonoaudióloga.

E-mail: g.art@uol.com.br

Material recebido em outubro de 2007 e selecionado em dezembro de 2007.

RESUMO

Este artigo foi produzido a partir de uma pesquisa desenvolvida no INES, com os alunos do Núcleo de Artes, e teve como objetivo compreender as articulações simbólicas que movem o pensamento destes alunos surdos e suas expressões plásticas mediante o estímulo de mitos e algumas obras de arte, com o intuito de contribuir para o enriquecimento de seu imaginário. O trabalho foi desenvolvido através dos mitos Faetonte e Hefesto. Chegamos a conclusão de que é relevante manter em uma instituição educacional para surdos o espaço onde a arte e os mitos possam ser utilizados. As imagens “falam” e podem ser trazidas a consciência para que se tornem ação.

Palavras-chave: Surdos. Arte. Mitos. Imaginário. Imagens.

ABSTRACT

This article is based on a research which was developed at INES with students from the art center. Its aim is to understand the symbolic articulations that are present in these deaf students' minds and their plastic expressions through myth stimulus and some practical works of art. The intention was to enrich their imaginary. This work was developed through the myths of "Faetonte" and "Hefesto". The conclusion we have come to is that it is relevant to keep a space for myths and art in an educational institution. The images that appear in the works made by those students "talk" on behalf of them and can be brought into conscience to be turned into actions.

Keywords: Deaf. Art. Myth. Imaginary. Images.

INTRODUÇÃO

Se voltarmos no tempo e observarmos o surdo por uma perspectiva histórica, ela irá por certo refletir as dificuldades que determinaram sua trajetória para se afirmar enquanto sujeito.

Na verdade, ao longo da história, sempre tem havido tentativas de tornar o surdo um ouvinte, muitas vezes forçando-o a repetir palavras sem o menor sentido prático, o que de alguma forma faz com que se torne o que, efetivamente, não é: um ouvinte. Isso também não leva em conta sua especificidade, que é a de ter uma enorme facilidade de desenvolver a leitura visual. A compreensão do surdo pode ser facilitada pela imagem.

Em face dos obstáculos que o surdo enfrenta no seu dia-a-dia, é importante que se ofereça a ele, entre outras possibilidades, uma leitura de mundo através de sua exposição à leitura de imagens. Além disso, o verdadeiro sentido do mundo é pressentido por nós através de ima-

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jan-Jun/08

81

gens e símbolos. Esse simbolismo suscitado através de mitos propicia uma compreensão interior que nem o melhor dos intérpretes de uma língua poderia transmitir.

Segundo Silveira (1997), para Jung

[...] um símbolo não traz explicações; impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória. (p.71)

A prática como professora no INES faz crer que a arte constitui fonte de entendimento indispensável para que pessoas surdas possam desenvolver novas sensibilidades, não só porque a identidade surda se constrói principalmente dentro de uma cultura visual, mas também porque é uma oportunidade de entendimento intuitivo do mundo que as cerca.

Quando o artista dá expressão à sua arte, ele representa não só o sentimento vivido como também o intuído. A imaginação do artista traz do mundo uma imagem. Quando imaginamos, temos a oportunidade de criar imagens a partir do que foi vivido por nós.

Além da arte, temos também os mitos. Ao longo dos séculos, temas mitológicos fizeram parte da educação de várias civilizações, e hoje, na ocidental, parecem esquecidos. Atualmente, estamos perdendo informações mitológicas, provenientes dos tempos antigos, o que parece constituir-se em prejuízo para nossa sociedade. O mito integra; isso faz parte de sua natureza. Campbell e Moyers (1990, p.8) em um diálogo relatam que uma sociedade necessita

de mitos. Do contrário, se ela não abriga uma mitologia poderosa e vive sem rituais, irá defrontar-se no presente com atos destrutivos e violentos praticados por jovens que não sabem se comportar numa sociedade civilizada, pois que esta não lhes forneceu rituais por meio dos quais eles se tornariam membros da comunidade.

Para responder ao objetivo proposto nesta pesquisa, compreender as articulações simbólicas que movem o pensamento desses alunos surdos e suas expressões plásticas mediante o estímulo de mitos e algumas obras de arte, com o intuito de contribuir para o enriquecimento de seu imaginário, todo o trabalho desenvolvido foi fundamentado pela teoria de Gilbert Durand. Acreditamos que o autor possui uma metodologia de observação e classificação das imagens bastante profunda. Durand reforça a importância das imagens afirmando que são portadoras de um sentido que só deve ser procurado, enquanto significação, no imaginário.

Foram também estudados alguns outros autores que, por suas idéias afins, puderam compor com Durand um resultado proveitoso. Foram eles: Campell, Morin e Jung.

A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA PARA O SURDO

Ser surdo, sem outras alterações sensoriais ou cognitivas, é, antes de tudo, uma vivência e uma ampliação visual. O sentido da visão passa a ser o mais importante para suas referências de compreensão e integração com o mundo. Uma importante qualidade

que caracteriza a apreciação das artes plásticas passa igualmente pela capacidade visual.

Ostrower destaca que “é justamente o caráter *não-verbal* da comunicação artística que constitui o motivo concreto da arte ser tão acessível e não exigir a erudição das pessoas para ser entendida. Exige inteligência sim, e sempre sensibilidade” (1987, p. 23). A arte enquanto linguagem, enquanto símbolo, expressa o que se pensa através do que é produzido.

Barbosa comenta sobre um grupo de pesquisadores comprometidos com a arte-educação de Harvard:

[...] partindo da idéia da mente como veículo entre homem e mundo, os membros desse grupo subscrevem o conceito de símbolo enunciado por Cassirer. Concebem o símbolo como meio usado pelo ser humano para determinar, classificar e explicar seu meio ambiente e representá-lo para si mesmo. Símbolos são, portanto, instrumentos da atividade cognitiva e do processo de realização. A arte é um dos sistemas de símbolo acomodando representação, expressão e exemplificação e propriedades formais. Conseqüentemente, a capacidade do homem e da mulher de produzir e ler símbolos deve ser o ponto de partida da estética. (1985, p.63)

Parece difícil estabelecer fronteiras entre a arte, entre os símbolos, entre as imagens e entre a imaginação do homem. Eles estão sempre estabelecendo relações entre si.

A capacidade que a arte tem de ser um elemento de ligação entre diferentes povos, em diferentes épocas, pode ser a ponte que rompe o isolamento para se tornar um dos instrumentos mediadores da relação do sujeito surdo com o meio, favorecendo, assim, sua inclusão.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

OS MITOS E SUA RELAÇÃO COM A ARTE

Parece importante fortalecer na pessoa surda o mundo do imaginário, para que, por meio de práticas simbólicas, ela venha a organizar ainda melhor o real. Os mitos podem ser valiosos, pois têm o papel de afirmar valores, alimentar a imaginação, facilitar a compreensão dos impasses e oferecer um sentido mais profundo à existência humana. Teixeira (1999), *apud* Durand (1994), sublinha que “o imaginário é, pois, o conector necessário por meio do qual se constitui toda a representação humana, encontrando-se, então, subjacente aos modos de ser, de pensar e de agir (das mentalidades) dos indivíduos, das culturas e das sociedades”. (p. 27)

AS IMAGENS NA ATUALIDADE

Em nossa cultura ocidental, a imagem ocupa papel de destaque, invade nosso cotidiano através do cinema, da televisão, das máquinas digitais, etc. No entanto, é importante também creditar a ela valor como possibilidade catártica, como símbolo, como possibilidade de transformações e cura.

De acordo com Gilbert Durand, “o pensamento ocidental e especialmente a filosofia francesa têm por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação”. (2002, p. 21)

Como podemos perceber ao longo da história da humanidade, as imagens sempre se impuseram e reinaram soberanas nas mais diversas formas de expressão do homem.

Devido a sua natureza simbólica, as representações são dotadas de poder transformador, uma vez que podem conter referências ao inconsciente coletivo, podendo então ser comuns a várias pessoas.

As imagens são fonte inesgotável de conhecimento. Destacamos, assim, também suas qualidades terapêuticas, que podem resultar em forças capazes de trazer à consciência o que até então eram apenas emoções tumultuadas e estabelecer conexões com a vida das pessoas que dela se utilizam, oportunizando transformações profundas e eficazes, capazes não só de restaurar uma vida como também de torná-la mais feliz.

JUNG E AS IMAGENS, SÍMBOLOS E ARQUÉTIPOS

O processo simbólico é, para Jung (2000), uma vivência na imagem e da imagem. Quando voltamos no tempo e nos remetemos aos povos primitivos, vemos a importância e o poder que as imagens tinham sobre eles. Aquelas pinturas nas paredes da caverna de Altamira ou de Lascaux ofereciam àquele homem a possibilidade catártica de submeter o animal ao seu poder.

Jung pondera que:

O que determinada cultura interioriza faz parte de seu universo imaginativo, que por sua vez irá resultar em sistemas de representação que se distinguem uns dos outros e que são sempre dinâmicos. Convertem-se dessa forma em símbolos, mitos e arquétipos.

[...] a humanidade sempre teve em abundância imagens poderosas que a protegiam magicamente contra as coisas abissais da alma, assustadoramente vivas. As figuras do inconsciente sempre foram expressas através de imagens protetoras e curativas, e assim expelidas da psique para o espaço cósmico. (2000, p. 21)

O que determinada cultura interioriza faz parte de seu universo imaginativo, que por sua vez irá resultar em sistemas de representação que se distinguem uns dos outros e que são sempre dinâmicos. Convertem-se dessa forma em símbolos, mitos e arquétipos.

Jung poderia dizer-nos sobre isso que o inconsciente coletivo é herdado e constituído por arquétipos que, por serem de natureza universal, possuem conteúdos que, embora nunca tenham estado na consciência, são os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Arquétipo da criança, da sombra, do velho sábio, do pai, do herói, entre outros.

Para Jung

[...] há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. [...] Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, este é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação contra toda vontade”. (2000, p. 99)

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jan-Jun/08

83

METODOLOGIA DE OBSERVAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS IMAGENS POR GILBERT DURAND

Para Durand, em *As estruturas antropológicas do imaginário* (2002), a forma possível de estudar-se concretamente o imaginário é o caminho antropológico, que é permeado por um conjunto de ciências que estuda o homem. O autor considera que sua concepção se assemelha com a de Bachelard quando este afirma que “a imaginação é dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação” (2002, p. 30).

Dessa forma, o símbolo é sempre o produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio. O meio material e social é o lugar onde emergem as imagens. A pulsão individual tem sempre “leito” social.

Para classificar as imagens, o autor faz a proposta de bipartição entre dois regimes do simbolismo: o diurno e o noturno, e a tripartição estrutural: heróica, mística e sintética. Os dois regimes, diurno e noturno, são aspectos dos símbolos da libido. Durand (2002), em sua teoria utiliza primeiramente elementos mais abstratos e em seguida, os mais concretos. Seus elementos básicos são: os “schèmes”, os arquétipos, os símbolos, os mitos e as estruturas. “Schèmes” formam o esboço funcional da imaginação; os arquétipos constituem o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais; os símbolos abrangem vários sentidos (quando o símbolo perde a polivalência, torna-se um simples signo) e as estruturas funcionam como pontos cardeais do espaço.

Durand partiu da hipótese da semanticidade das imagens e verificou ser possível que os símbolos e os agrupamentos sejam reveladores de estruturas. Restou então estudar o sentido do semantismo do imaginário em geral. O autor passa então da morfologia classificadora das estruturas do imaginário à fisiologia da função da imaginação. Essa filosofia foi chamada de fantástica transcendental, pois é motivada por uma forma universal, os arquétipos. Para Durand, “há uma realidade idêntica e universal do imaginário” (2002, p. 378).

A psicanálise evidenciou fenômenos de compensação e, dessa forma, “a imagem tem por missão suprir, contrabalançar ou substituir uma atitude pragmática. A riqueza e o regime da imaginação podem muito bem não coincidir com o aspecto geral do comportamento ou do papel psicossocial.” (DURAND, 2002, p.381). Nosso autor oferece um bom exemplo sobre essa questão contando que J.S.Bach compunha músicas de um misticismo sereno, embora fosse um *bom vivant* e bastante colérico.

Além disso, Durand discorda de algumas teses segundo as quais a função da imaginação seria secundária e o símbolo, um simples fenômeno. Para ele, o estudo antropológico permitiu um alargamento do domínio imaginário. Através desse estudo demonstrou que a imagem simbólica é semântica e, dessa forma, não separa seu conteúdo da sua mensagem, enquanto o recalçamento reduz a imagem ao símbolo recalçado. Ele afirma que “o mito é sempre primeiro em todos os sentidos do termo e que, longe de ser produto de um recalçamento ou de uma derivação qualquer, é o

sentido figurado que prima o sentido próprio” (p. 395). Desse modo, há uma grande importância catártica de representar o destino através das funções da imaginação, pois, quando o representamos, conseguimos dominá-lo.

METODOLOGIA

O estudo teve uma abordagem de caráter qualitativo, pois o tema foi pesquisado pelo viés do imaginário, uma vez que queríamos compreender significados e símbolos que pudessem aparecer a partir das imagens plásticas que foram colhidas dentro da análise da relação pedagógica, entre alunos e professora.

A pesquisa foi realizada com o alunado no INES, no segundo semestre de 2006, em duas turmas da 3ª série do Ensino Fundamental. Não houve seleção prévia dos alunos que participaram da pesquisa. A seleção da turma de alunos foi feita pelo departamento pedagógico, não sendo possível à professora escolher individualmente. As duas turmas de terceira série da professora formaram o grupo de pesquisa.

MITOS

Foram escolhidos os mitos de Faetonte e de Hefesto, pois, segundo Durand, relembram aspectos da condição humana e ambos permitem integrar beleza e feiúra; luz e escuridão e outras ambigüidades. Dessa forma, a intenção foi nos reportarmos a esses conflitos de forma simbólica e também como um dos estímulos para alimentar a imaginação e colher

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

imagens para o desenvolvimento deste trabalho.

FAETONTE

A descrição do mito de Faetonte foi retirada do texto produzido por Greene & Burke. (2001; p.134)

O mito de Faetonte fala de um adolescente ávido de liberdade, que pensa que já sabe e entende de tudo, que tem força suficiente para dominar o mundo; no entanto, ainda é muito jovem. Ele quer dirigir o carro do sol, não quer dar atenção aos conselhos do pai e acaba passando por problemas que o levam à morte.

HEFESTO

A referência a este Mito foi retirada da obra de Bolen. (2002, p. 318)

O mito de Hefesto foi escolhido por falar sobre um deus rejeitado e ferido por ter nascido coxo. Ele é jogado do Olimpo por sua mãe.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Na primeira etapa, foi mostrada uma imagem mítica para inserir o aluno nesse mundo imaginário (imagem 1). O primeiro mito apresentado foi Faetonte. Após o conto, iniciava-se então uma proposta plástica para que vivenciassem o mito contado através de alguma técnica de arte. Em uma segunda atividade, eram oferecidas imagens de obras de arte de algum artista plástico (imagens 2 e 3). Havia sempre mais de uma imagem, para que os alunos tivessem a oportuni-

A fragilidade necessita da força, a confusão necessita da clareza. A queda busca a elevação, e através dela o imaginário do homem pode transcender as trevas para uma ascensão solar e para a luz. O arquétipo central é o da “barreira” que separa as trevas da luz. Esse regime busca, sobretudo, a claridade, a elevação.

dade de escolher entre elas alguma que lhes agradasse. Pedia-se, então, que fizessem livremente releituras ou interferências. Após cada trabalho plástico, havia conversas informais sobre as vivências. Ao final dessa primeira fase, iniciou-se o trabalho com o segundo mito, Hefesto, seguindo-se as mesmas etapas do trabalho anterior (imagens 4 e 5).

Ao final do trabalho, reunimos as produções dos alunos para observação das imagens e símbolos que surgiram e que influenciam o imaginário desses adolescentes, jovens e adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos referenciais teóricos aqui utilizados e das imagens que surgiram como consequência de nosso trabalho, acreditamos que a arte e os mitos podem beneficiar, sim, esses alunos. Nas imagens elaboradas por eles, constatamos que há um número significativo delas que se expressam como símbolos ascensionais do regime diurno da imagem. Esses símbolos aparecem quando há, como estudamos, uma tentativa de reconquistar uma potencialidade perdida. O regime diurno é descrito aqui como o regime da antítese, em que o herói se volta contra as trevas.

A fragilidade necessita da força, a confusão necessita da clareza. A queda busca a elevação, e através dela o imaginário do homem pode transcender as trevas para uma ascensão solar e para a luz. O arquétipo central é o da “barreira” que separa as trevas da luz. Esse regime busca, sobretudo, a claridade, a elevação. No entanto, como foi dito, o comportamento da personalidade não tem que coincidir com o conteúdo das representações, pois, através das imagens, como diz Jung, vai havendo a autoconstrução da psique.

Foi possível perceber em nossos alunos uma atitude mais serena, mais tranqüila e interessada, na medida em que dávamos andamento aos encontros. A descida interior em busca de conhecimento culminou com a intenção de nossa contribuição para este estudo, que era a de provocar um melhor entendimento de si mesmo e do mundo. Parece relevante destacar a construção dessa harmonia pelo regime noturno da imagem, em que a queda torna-se descida e transforma-se em prazer e em busca do conhecimento.

Existe então nas imagens grande importância catártica, pois elas nos contam sobre um sentimento que não se revela por palavras, mas por meio de imagens. Segundo também



REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jan-Jun/08

85

foi estudado, quando representamos essas imagens através das funções da imaginação, parece que conseguimos dominar melhor os sentimentos e dar-lhes forma.

A importância dos mitos e da arte, como mais uma forma de a pessoa surda simbolizar seus sentimentos e encontrar um sentido maior para sua vida, ficou clara no decorrer deste estudo. As imagens produzidas são retratos da alma dessas pessoas

e por isso podem, segundo sua classificação, revelar sentimentos e desejos mais profundos. Portanto, concluímos que é importante manter em uma instituição educacional o espaço da arte como terapia para alunos surdos, que, através de suas imagens, “falam” de si e demonstram um sentimento comum que precisa ser considerado, trabalhado e trazido à consciência para que se torne ação.

Dadas as limitações de tempo, temos consciência de que não esgotamos todas as possibilidades de pesquisa sobre o tema. O que fizemos foi apenas aquietar alguns de nossos questionamentos. Sugerimos, então, que outros pesquisadores o abracem e ampliem os estudos aqui realizados, considerando que as imagens possibilitam, em um trabalho importante, a assunção de aspectos antes submersos no inconsciente.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, A. M. *Arte-Educação: conflitos/acertos*. São Paulo: Max Limonad, 1985.
- BOLEN, J. S. *Os deuses e o homem: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos*. São Paulo: Paulos, 2002.
- CAMPBELL, J.; MOYERS, B. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- DURAND, G. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GREENE, SHARMAN-BURKE. *Uma Viagem através dos Mitos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- JUNG, C.G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____. *A Energia Psíquica*. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, UNESCO, 2002.
- OSTROWER, F. *Universos da Arte*. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1987.
- SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *O Mundo Das Imagens*. São Paulo: Ática, 1992.
- TEIXEIRA, M.C.S. *Imaginário E Cultura. a organização do real*. In: _____; PORTO, M.R.S. *Imaginário, Cultura e Educação*. São Paulo: Plêiade, 1999.